



DIEGO RIVERA E O MURAL UNIDAD PANAMERICANA: A CONDIÇÃO DE FRONTEIRA DO LATINO-AMERICANO

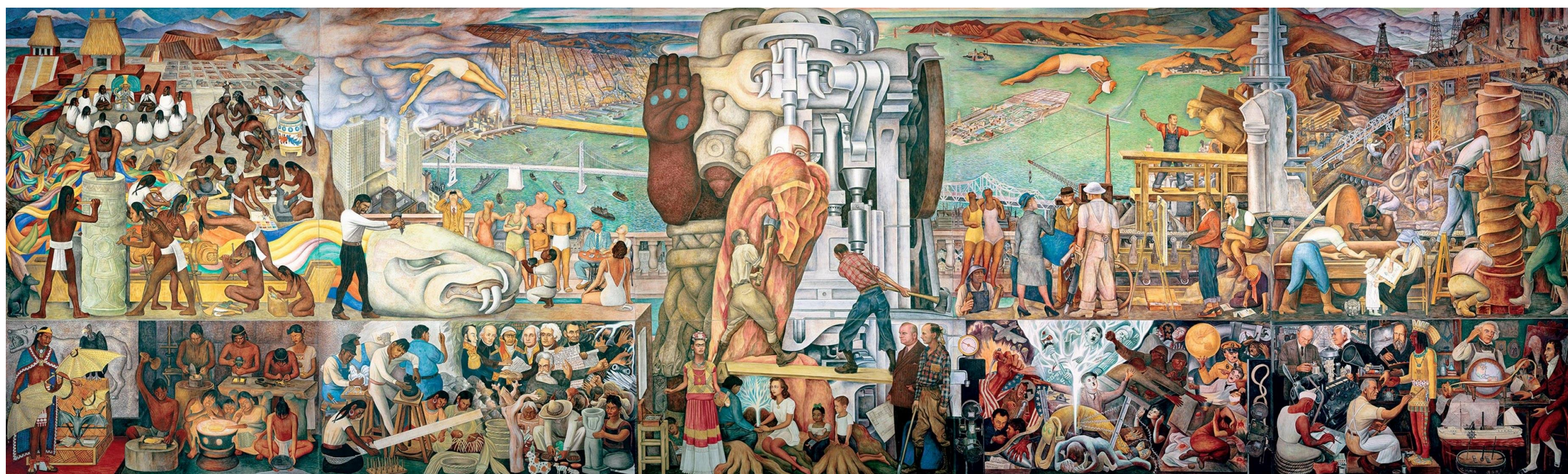
CASTRO, Cainã¹; TONNETI, Flávio²

¹Departamento de Geografia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais

²Departamento de Educação, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais

Palavra-chave: arte latino-americana, hibridismo, modernidade

Pesquisa – Ciências humanas e sociais (Filosofia)



Introdução

Diego Rivera (1886 – 1957), pintor e expoente do movimento muralista mexicano, realiza a obra *Unidad Panamericana* (1940), um mural que representa o encontro diplomático por meio da arte entre Estados Unidos e México. Apresentada de maneira alegórica, a obra expressa sobre a historicidade de diferentes valores e modos de organização no continente americano, nos permitindo refletir sobre a formação política do nosso continente, no que diz respeito à história dos povos originários e de modernidade europeia decorrente da colonização. O trabalho se situa no campos da filosofia da arte e da estética, com uma proposta de observar, descrever e disparar reflexões teóricas a partir dos elementos do mural.

Objetivos

Queremos discutir a condição de hibridismo, que se coloca entre um projeto de ser ligada à ancestralidade, à história de um lugar e seus modos de viver, mas que contrapõe e se relaciona ao projeto de modernização europeia que preenche de significados a vida contemporânea. A ideia de ser com a qual trabalhamos está inserida no operativo latino-americano, pelos seus processos de colonização específicos.

Material e Métodos

Foram identificadas e analisadas as simbologias utilizadas no mural juntamente com as reflexões de dois autores latino-americanos, Enrique Dussel (Oito ensaios sobre a cultura latino-americana e libertação) e Néstor Canclini (Culturas Híbridas).

Discussão e conclusão

O projeto europeu é apresentado por adesão à técnica industrial e científica, à estética da arquitetura, práticas do urbanismo, espetacularização dos esportes e cinema, que se atrelam às dinâmicas que a modernidade trouxe para a composição dessa sociedade latino-americana. Já a relação com a ancestralidade pode ser percebida numa visão do trabalho artístico orgânico, que interage com a dimensão da terra; um trabalho por meio do qual se produzem tecnologias e formas de organização no espaço ligadas à sua espiritualidade e religiosidade. As intencionalidades de uma intervenção no espaço e tempo são vistas em todo mural, numa espécie de diálogo entre o divino e o terreno. Desta maneira, com a alegoria central posta no mural – deusa asteca Coatlicue juntamente com um motor Ford – identificamos a representação da fronteira híbrida, constituindo o horizonte ontológico do latino-americano, em que se presentifica nessa dinâmica de colonizado combinada a uma referência ancestral. Os processos de hibridização aceleram absorções, transformam ou excluem estruturas materiais, subjetividades que pertencem a esta dinâmica dual entre o moderno e o que vai rompê-lo. A partir desse encontro entre fronteiras, o pintor, através de sua obra, acaba por produzir novas formações e embaralhamentos, que nos permitem pensar sobre o hibridismo presente na condição de um ser fronteiriço.

Bibliografia

- AGUILAR-MORENO, Manuel. *Handbook to life in the Aztec world*. Los Angeles: Infobase Publishing, 2006. 464 p.
- DUSSEL, Enrique. *Oitos ensaios: sobre cultura latino-americana e libertação. sobre cultura latino-americana e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1997. 237 p. (Coleção: Atualidades em diálogos). Tradução de: Sandra Trabuco Valenzuela.
- CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2001.